

Notas de medicina social

Eugénia e alcoolismo dissimulado*

Ao encerrar a série de palestras promovidas pela Liga Pró-Abstinência Porto Alegrense, aproveitarei o ensejo para expôr sumariamente as razões médico-sociais que levam os anti-alcoolistas a não se limitarem apenas á temperança, mas a pregar e praticar a abstenção completa de bebidas etílicas.

Na luta incessante entre a centelha divina que anima a creatura e a matéria imperfeita que a corporifica, o aperfeiçoamento do indivíduo traduz-se, essencialmente, pela passagem da ordem material á ordem intellectual e, desta, á superioridade moral. E' a prevalência conciente dos sentimentos elevados de altruismo, trabalho e justiça sôbre as paixões inferiores, instintivas, inerentes ao barro humano.

Sob a ação do alcool, desde logo, insensivelmente, obliteram-se as faculdades superiores de julgamento e auto-domínio. Em seguida, menos rápido, porém inelutavel, sobrevem o crepúsculo gradual da intelligencia, exalta-se e deforma-se a imaginação, que se torna desordenada e aberrante. A animalidade, por último, readquire a supremacia primitiva e anula a progressiva ascensão do homem para os ideais supremos de perfeição moral.

Eis em rápidos traços o célio comum da existência do alcoolatra inveterado que, por vezes, em fugidios instantes de razão, ainda tem a desventura inenarravel de compreender o doloroso descálbro da própria personalidade. E sofre, e se debate e luta, quasi sempre sem êxito, para se libertar do lodaçal sinistro que o submerge, lenta e implacavelmente.

VÍCIO ALCOOLICO SEM EMBRIAGUÊS AGUDA

Idêntico é o evolver da intoxicação etílica em sua forma aguda, a embriaguês, reproduzindo em curto espaço de tempo o quadro trágico do retrocesso espiritual a que leva o alcoolismo inveterado. Suas fases mais típicas a sabedoria popular simbolizou com justeza nas características de quatro irracionais: o papagaio, o leão, o macaco e o porco, termo final da degradação funesta que pode invalidar das mais toscas ás mais altas expressões da raça.

Menos aparente, porém muito comum e, por isto mesmo, mais nocivo sob certos aspectos, é o etilismo crônico em suas formas latentes ou frustas, isto é, o vício alcoolico dissimulado sem embriaguês aguda.

* Conferência feita durante a Semana anti-alcoolica de 1936. Irradiada pela R. S. Gaúcha.

A maioria dos bebedores habituais, realmente, não atingem á fase última da intoxicação etílica. Limitam-se a doses fracas e repetidas, que não determinam sintomas nítidos da impregnação alcoólica que, no entanto, neles se processa inevitavelmente, traduzindo-se por lesões gástricas e hepáticas, sorrateiras mas bem caracterizadas. E repercutem quasi sempre no aparelho mais nobre da economia, no cérebro, cujas funções superiores são precocemente atingidas e prejudicadas.

Tal a pseudo-utilidade do uso diário de bebidas alcoolicas, quaisquer que sejam elas, desde o illusório aperitivo ao vinho rotulado como tônico ou alimento. Este, possivelmente menos nocivo, porém qualquer deles capaz de ser o marco inicial do hábito avassalante, pois todo ébrio já foi um bebedor moderado, lentamente anulado pela degradação que o subjugou.

Em todas as coletividades — revela-nos o estudo das predisposições hereditárias — existe um grande número de individuos com a inclinação latente para a embriaguês. Afastados da tentação insidiosa, essa tendência não se manifestará; no caso contrário, a fraca dose inicial aos poucos não mais lhes dará a mesma excitação e far-se-á mister aumentá-las continuamente. Eis o hábito que se estabelece, o vício dominador que se instala!

Ainda peor:

— Fatores negativos da robustês da raça, os alcoolistas habituais, mesmo moderados, podem não apresentar distúrbios sensíveis, mas têm suas células básicas alteradas e, não raro, geram filhos desequilibrados, epiléticos, neuropatas dissimulados e futuros ébrios.

Para essa lúgubre legião de enfermiços e degenerados mentais não concorrem apenas os descendentes dos alcoolatras inveterados. Não é só o ébrio, com efeito, quem dilata pelo futuro em fóra os estigmas indeléveis da herança alcoólica. Basta por vezes a desastrosa intercorrência de uma impregnação transitória e accidental, tão rápida e profunda é a ação do veneno etílico sobre o organismo humano. Nem outra é, frequentemente, a causa remota, e talvez esquecida, do aparecimento de casos isolados de doenças mentais, malformações congenitas, abastardamento moral, a pontilhar de dôr uma prole até então forte e sadia.

“Filhos da alegria” — assim se expressava com acerto o grande Pinard, referindo-se aos inúmeros idiotas e imbecis concebidos durante o carnaval, vindimas e outras festas populares em que Baccho impera.

E’ especialmente visando o beneficio da creança que nós, os anti-alcoolistas militantes, reputamos tambem prejudicial e, portanto, inaceitavel sob o ponto de vista sanitário, aquilo que comumente se intitula de “moderação”. Onde termina esta, quais em verdade seus limites precisos? Qual o pai ou educador que poderá demarcá-los para o adolescente de quem deve ser o modelo e o guia espiritual? E que autêntico cientista conseguirá traçar, com segurança, as fronteiras do proclamado “uso habitual e inofensivo” de bebidas alcoolicas — quando sabemos que variabilíssimas são as suscetibilidades individuais e silenciosas certas manifestações tóxicas, ás vezes apenas percebidas quando explode o delírio característico que leva ao hospício ou á barra do tribunal?

O que aconselhamos, pregamos, praticamos, é a abstenção total de bebidas alcoólicas, ideal eugênico que julgamos mais próximo daqueles cumes inatingíveis da perfeição infinita, de que falava o idealismo renovador de Ingenieros. Convictos, outrossim, de que o dever cumprido é ainda uma das poucas venturas reservadas ao homem, levamos sempre aos mioprágicos da vontade ou do saber o auxílio dos ensinamentos da ciência e, sobretudo, o estímulo fecundo do exemplo, miraculoso poder que convence, que converte, empolga e triunfa!

PELA EDUCAÇÃO SANITÁRIA DA CRIANÇA

Antes de finalizar esta palestra, cujo único mérito consiste na limpidez da intenção que a inspirou, desejaria transformar minhas palavras em fervorosa exortação á vossa clarividência, em apêlo aos vossos mais puros sentimentos e, si necessário fôr, em verdadeira súplica. Súplica em prol da preservação das novas gerações, que têm o direito de exigir, com a vida, a saúde do corpo, a perfectibilidade da alma e a centelha radiante da lucidez mental.

Dirijo-me, por isto, principalmente aos artífices máximos da formação espiritual do futuro homem. Pego, para nossa causa, a cooperação fundamental do professorado rio-grandense, o qual, digno entre os mais dignos, sabe sem dúvida — que não é educador quem se limita a passar do seu espírito para o do educando noções de ciência ou de arte. E jamais esquece que o verdadeiro professor “transforma a alma e o corpo, equilibra nervos, robustece os músculos, apura a inteligência, desenvolve a bondade, ensina a justiça, tira em suma da criação o homem como se tira do carvão negro o diamante”.

Colaborai na obra indispensável da educação sanitária da infancia contra os males multiformes do alcoolismo. Procurai fixar na placa sensível do sub-conciênte da criança os bons hábitos da abstinência, das normas hígdas e superiores que conduzem ao aperfeiçoamento gradual do indivíduo e de sua descendência. Pela responsabilidade de vossa nobilitante função social, não vos deixeis abater ante arremetidas de interesses mal feridos, de preconceitos ancestrais, do comodismo esteril de céuticos e incientes.

Lento e áspero porém seguro, é o germinar e frondescer das grandes causas que visam o aperfeiçoamento humano. E si, porventura, tardarem os resultados aparentes desse bendito apostolado, e o desalento vos quebrantar, revigorai-vos meditando êsses conceitos lapidares e profundos de Ruy Barbosa, o maior campeador das grandes causas cívicas de nossa Pátria:

“A verdade não se impacienta, porque é eterna. Quando praticamos uma ação boa, não sabemos si é para hoje ou para quando. O caso é que seus frutos podem ser tardios, mas são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo ao futuro. Aqueles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano”.

J. Maya Faillace.